

"Euclides descobriu a Terra, as gentes interiores e as gentes delas, os curibocas, os sertanejos e os caucheiros, os sertões adustos do Nordeste e aquela Amazônia perigosíssima e estuante, "a última página a escrever-se no "Genese", a "terra infante" a terra em ser, a terra que está

ATUALIDADE DE EUCLIDES DA CUNHA

ainda crescendo". (8).

Essa afirmativa de Licínio Cardoso situa com muita felicidade o pensamento euclidiano na evolução de nossa literatura.

É preciso observar também que não é só "Os Sertões" o único trabalho de vulto

do inesquecível escritor. "Contrastes e Confrontos" e "A margem da história" são também estudos notáveis de interesse marcante, a quem quer que deseje conhecer a nossa história, nossos problemas e até questões internacionais da mais alta importância.

A desnacionalização do Brasil, a regência, o segundo império, a região amazônica, a situação da mentalidade brasileira no fim do império, a devastação das matas, as secas, a constituição de 1891, a questão social que inspirou penetrantes estudos para o Brasil de 1900, além de muitos outros assuntos, tiveram amplo desenvolvimento dessa privilegiada inteligência. Também a crítica literária teve estudos notáveis, como se evidencia no discurso de recepção da Academia Brasileira de Letras, onde analisa Valentim Magalhães e o magnífico prefácio que escreveu para os "Poemas e Canções" do ilustre poeta Vicente de Carvalho.

Dá a lapidada expressão de Gilbert Freyre: "Euclides da Cunha, escritor fantástico para o Brasil de 1900 que ele foi: escritor fortalecido pelo traquejo científico, enriquecido pela cultura sociológica, aprofundado pela especialização geográfica (9)

O estudo da terra foi para ele um recapeamento absorvente. Nada feria mais sua sensibilidade que o abandono do nosso hinterland, a destruição de nossas riquezas, a miséria em que vegetava o homem do Brasil.

Fez sérias e oportunas advertências contra o cosmopolitismo dissolvente, que apavorava o espírito lúcido de EDUARDO PRADO, nome que, criminosamente, fomos esquecendo.

Dizia Euclides: "Ao adquirirmos a autonomia política, talvez porque com ela logicamente se deslocasse toda a vida nacional para os litorais agitados — OLVIDAMOS A TERRA; e os esplendores do céu, e os encantos das paisagens, e os deslumbramentos reconditos das minas, e as energias virtuais do solo, e as transfigurações fantásticas da flora, entregamo-nos numa INCONSCIÊNCIA DE PRÓDIGOS SEM TUTELA, à contemplação, ao estudo, ao entusiasmo e à glória imperecível de alguns homens de outros climas". (10)

E noutra passagem: "Alheiamos-nos desta terra. Críamos a extravagância de um exílio subjetivo, que dela nos afasta enquanto vagueamos como sonâmbulos pelo seu seio desconhecido". (11).

Desejava que tivéssemos um patriotismo conciente, ativo, atento à realidade dos fatos. Procurava convencer seus contemporâneos do domínio do homem sobre a terra afirmando: "A exploração científica da terra — coisa vulgaríssima hoje em todos os países — é uma preliminar obrigatória do nosso progresso, da qual nos temos esquecido, porque neste ponto rompemos com algumas das mais belas tradições do nosso passado. Realmente, a simples contemplação dos últimos dias do regime colonial, nas vésperas da independência, revela-nos as figuras esculturais de alguns nomes que hoje mal avaluamos, tão apeguadas andam as nossas energias e tão grande o descaído e o desamor com que nos voltamos para os interesses reais deste país". (12)

Pertencendo à geração republicana, tendo trabalhado pela implantação do novo regime, Euclides, breve, se desiludiu. E proferiu amargas verdades, entre as quais a de achar que não foi o Marechal Floriano Peixoto que subiu e sim o Brasil que desceu...

Reconheceu a força unificadora da monarquia. Julgou o 15 de Novembro de 1889 uma exagerada glorificação de minúcias. E foi implacável em vislumbrar os erros e desvios da mocidade estudiosa de fim do império, que lhe inspirou célebres capítulos de crítica e bom senso realista. Quem fechar exagerada nossa afirmativa de que a geração do fim do império foi a mais desorientada que já viveu no Brasil, melhor confirmação não posso oferecer que o testemunho de Euclides da Cunha,

quando analisava a implantação do realismo no Brasil, revolução literária que preparou a república, no dizer de Tristão de Aláide: "O espírito nacional RECONSTRUÍ-SE PELAS CIMALHAS, arriscando-se a ficar nos andaimes altíssimos, luxuosamente armados. Os novos princípios que chegavam não tinham o abrigo de uma cultura e FICAVAM NO AR, INÓTEIS, como forças admiráveis, mas sem pontos de apoio; e tornaram-se frases decorativas sem sentido, ou capazes

de todos os sentidos; e reduziam-se a fórmulas irritantes de UMA CATURRICE DOUTRINARIA INATURADA; e acabaram fazendo-se palavras, meras palavras, rijas, secas, desfilhadas, disarmando a polêmica e na vestimenta das mais preguiçosas maiúsculas do alfabeto.

Houve então o soleníssimo pretexto do Euclidianismo, da Evolução, do incognoscível, do inconhecível, em que se amatalhavam, intrusas, algumas velhas carapideiras do romantismo: a Justiça, a Escola, a Liberdade...

Assim, não maravilha que a nova geração, do avançar aferrado, NÃO SOU- ZASSE, afinal, por onde seguir". (13).

É em outro trecho o antigo propagandista da república redimindo-se dos erros e superficialidades dos primeiros anos e mais veementemente em analisar o estenho crepúsculo do império liberal e mentalidade dos pretensos reformadores de nossa vida política e social: quando a peregrina palavra "evolução" tornou a rima fácil de todos os versos, COMPEMOS COM ESTA LEI FUNDAMENTAL DA HISTÓRIA — tão bem expressa na continuidade de esforços dos estados sociais sucedendo-se com um determinismo progressivo — e apresentamos o quadro de uma desordem intelectual que, depois de refletir-se no dispaatado de não sei quantas filosofias decedidas, nos impoz, na ordem política, A AIS FUNESTA DISPERSÃO DE DELAS, levando-nos aos saltos e ao acalor, DO ARTIFICIALISMO DA MONARQUIA CONSTITUCIONAL PARA A USUÁRIO METAFÍSICA DA SOBERANIA DO POVO ou para os exageros da tiradura científica, ao mesmo passo que a ordem artística fadava dos desfalecimentos de um romantismo muito, às desvias de um falso realismo, QUE ERA A LOR DAS IDEALIZAÇÕES, PORQUE RA A IDEALIZAÇÃO DOS ASPECTOS INTERIORES DA NOSSA NATURAL REZA". (14).

Perjurando, demoradamente, a região amazônica, Euclides escreveu penetrantes conceitos sobre "o inferno verde", ostrando, especialmente, o trabalho de osso do rio Amazonas, a exploração utal do seringueiro, para o que reclamava, urgentemente, um código de trabalho, e o esforço ciclopico do cearense, fazendo referências e comentários a estudos de Fred Katzer, Humboldt, Goeldi, Wallace, Mawe, Edwards, d'Orbigny, Hartius, Bates, Agassiz, Hartt, Herbert Smith e Alexandre Rodrigues Ferreira. Opinou que o Peru tinha que transpor os Andes e procurar uma saída para o Atlântico pelo rio Amazonas. Preconizou a construção de uma estrada de ferro de Cruzeiro do Sul ao Acre, mostrando que o percurso de um mês seria feito em 2 dias.

Renovou os estudos de nossa história, fazendo justiça ao caluniado e benemérito João VI, que, no seu dizer, era um stóico e um sincero e que compreendeu com plena lucidez todas as necessidades do Brasil de seu tempo, onde "tudo estava por fazer".

Reputou Caxias "a escora de um reinado".

Mostrou a evolução desigual do Brasil, citando como exemplos frisantes que nem a inconfidência mineira abalou ao norte e nem a guerra holandesa ao sul do Brasil.

Denunciou o perigo da imigração alemã no sul do país.

Fez plena justiça ao Império, quando no começo da república se propalava que, afinal, o Brasil se havia integrado (?) na América, porque adotava suas instituições, advertindo: "A república tirou-nos do remanso isolador do Império para a PERIGOSA SOLIDARIEDADE SUL AMERICANA". (15). E focalizando a personalidade de D. Pedro II comentava: "O Imperador, em que pese à sua educação, à sua cultura e suas sensíveis falhas de caráter, era o grande plenipotenciário de um bom senso equilibrado e da nossa seriedade. A sua bela meia ciência, tão la ornada de excertos hebraicos e das estrelas da astronomia doméstica de Flamarion, mas ansiosamente atraída para o convívio dos sábios e a contumaz frequentadora de institutos, era a nossa mesma ancia, talvez precipitada, mas noilíssima de acertar, e a sua bonhomia, os seus hábitos modestos e simples, os mesmos hábitos modestos, certo, sem brilho, mas em todo o caso decentes, com que andávamos na história". (16).